

A estrangeira original: uma poética

Mariana Carlos Maria Neto¹

Resumo

De acordo com Said (2009), o exílio é “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar” (p.46). Contudo, essa fratura existencial traz àquele que lhe vivencia a possibilidade de olhar o mundo com um estranhamento lúcido e crítico, mais apto a ver aquilo que passaria despercebido para homens que nunca experimentaram o contato com a alteridade de forma tão radical. Partindo dessa premissa, podemos pensar a poesia de Cecília Meireles como devedora de um exílio espiritual, sempre muito expressivo em seus poemas, lhes garantindo beleza e uma complexa distância da vida cotidiana e mais imediata. Essa condição *exilada* do mundo é constante em toda sua obra poética, ela possibilita, como acreditamos, a maleabilidade temporal e o consequente alcance do afeto para cantar o *Romanceiro da Inconfidência* (1953): “Não posso mover meus passos/ por esse atroz labirinto/ de esquecimento e cegueira/ em que amores e ódios vão/ - pois sinto bater os sinos,/ percebo o roçar das rezas,/ vejo o arripiado da morte,/”. Ou ainda, o desapego necessário para abrir mão da vida terrena e se tornar *O Aeronauta* (1952): “E seu destino é ir mais longe,/tão longe, enfim, como exata/ alma, por onde/ se possa ser livre e isento,/ se, atos além do sonho/ dono de nada”. Com o intuito de compreender as especificidades do exílio ceciliano analisaremos “Irrealidade”, de *Mar absoluto e outros poemas* (1945). Nossa leitura, até o momento, entende que o exílio na poesia de Cecília funciona como *lugar de fala* (bastante dependendo de uma específica temporalidade), de onde a poeta vê o mundo e se relaciona com os homens. Os resultados que apresentaremos são parte das reflexões desenvolvidas em nossa dissertação de mestrado.

Palavras-chave

poesia; Cecília Meireles; distância; exílio

1 Bacharel em Letras Português-Latim pela Universidade de São Paulo, Mestranda em Literatura Brasileira pela mesma instituição com bolsa CAPES. Contato: mariana.neto@usp.br

Ai! distâncias tão profundas...

*E olho-me no espelho.*²

Em torno da personalidade de Cecília Meireles sempre se comentou o distanciamento que a escritora imprimia tanto na convivência diária quanto na atitude poética, a ponto dela própria tentar se justificar.

Tenho amigos em toda parte. Mas sou feito o Drummond que é tão amigo quase sem a presença física. Esse meu jeito esquivo é porque eu acho que cada ser humano é sagrado, compreende? Eu sou uma criatura de longe. Não sei se me querem mas eu quero bem a tanta gente! Sou amiga até dos mortos.³

Ser “criatura de longe”, na poesia de Cecília, é uma proposição pessoal a respeito do tempo, já que possibilita uma forma de afeto que não se dobra a determinantes temporais. Por um lado, ela propõe uma temporalidade sem rupturas ou avanços, uma espécie de receptáculo que acumula a experiência emocional dos homens. Mas por outro, dificulta o trato com o cotidiano mais imediato, afinal, a vivência do *aqui-agora* se torna menos apreensível para aquele que aspira um tempo maleável e sem barreiras fixas, no qual a experiência poética possa transitar sem transtornos. Em sua poesia, essa concepção do tempo imprime distância e ausência já que não garante aos leitores uma “clara definição dos elementos temporais ou espaciais, que lhes sejam imediatamente familiares”⁴. Nos entraves dessa experiência com o tempo do cotidiano, o sujeito poético se submete a um profundo estado de exílio que pouco pode ser superado, já que ele se instaura enquanto forma de estar no tempo e no espaço: “Aqui não me entendem bem, sempre me acharam estranha, quase intrusa. E aí como me achariam? O mesmo. Eu sou criatura de exílio. De todos os exílios”⁵.

É claro que o exílio que tratamos aqui diz respeito a uma atitude poética, ligada

2 *Poesia Completa*, org. Antonio Carlos Secchin, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 1290

3 Entrevista realizada por Pedro Bloch na Revista Manchete, edição nº630, em 16 de maio de 1964. Disponível em: <http://www.revistabula.com/496-a-ultima-entrevista-de-cecilia-meireles/>

4 “Sobre Cecília em Portugal”, Alcides Villaça, in GOUVÊA, Leila, *Cecília em Portugal*, São Paulo: Iluminuras, 2001, p. 13.

5 Cecília Meireles, *A lição do poema: cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*. Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998, p. 72.

à vida íntima, que nunca significou alheamento do mundo ou descaso pelas demandas do presente. Mesmo se dizendo “criatura de longe”, Cecília não rejeitou o mundo e viajou como poucos (Portugal, Estados Unidos, México, Uruguai, Argentina, Índia, sua amada ilha nos Açores, Porto Rico, Israel, Grécia e Itália, sem contar com as viagens nacionais). Sempre mantendo uma atitude curiosa e aberta em relação aos novos lugares⁶, para quais não abria só o coração mas sua poesia. Além disso, atuou, nos anos 30, para a reformulação do ensino, principalmente através de publicações regulares de crônicas, sempre muito críticas, sobre educação e cultura⁷. Mas o caso é que em sua obra poética, qualquer tipo de engajamento social pouco teve espaço e o contato com o mundo foi quase sempre entremeado por uma espécie de tela que resguarda sua condição de estrangeira original.

É através dessa distância que a poeta pode ter um olhar incomum para vida: nada se apresenta sem espanto, nada é absolutamente banal, nada configura uma realidade simples.

Como num sonho
aqui me vedes:
água escorrendo
por estas redes
de noite e de dia.
A minha fala
parece mesmo
vir do meu lábio
e anda na sala
suspensa em asas
de alegoria.

Sou tão visível
que não se estranha
o meu sorriso.
E com tamanha
clareza pensa
que não preciso
dizer que vive
minha presença.

6 Muitos poemas e obras completas nasceram dessas viagens, talvez os melhores exemplos sejam: *Os doze noturnos de Holanda* (1952), *Poemas italianos* (1953-56) e *Poemas escritos na Índia* (1953).

7 O que foi largamente estudado por Valéria Lamego em *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*, Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

E estou longe,
compadecida.
Minha vigília
é anfiteatro
que toda a vida
cerca, de frente.
Não há passado
nem há futuro.
Tudo que abarco
se faz presente.

Se me perguntam
pessoas e datas,
pequenas coisas
gratas e ingratas,
cifras e marcos
de quando e de onde,
– a minha fala
tão bem responde
que todos creem
que estou na sala.

E ao meu sorriso
vós me sorrís...
Correspondência
do paraíso
de nossa ausência
desconhecida
e tão feliz!⁸

“Irrealidade” pode ser entendido como mais um dos retratos poéticos de Cecília, nele a poeta especifica sua voz e o lugar que ocupa no mundo, retratando uma experiência de solidão e de vazio durante uma conversa trivial. O poema é conciso e elegante, composto por quatro sílabas poéticas, a disposição das rimas ao final dos versos não é regular mas é constante, dando ao poema um interessante ritmo, bastante musical. Com exceção da última estrofe, todas as demais se iniciam com versos brancos, ou seja, que não terão um eco nas próximas rimas, esse procedimento é muito instigante, pois a regularidade razoável das rimas faz com que todo o primeiro verso crie uma expectativa que não vigora. O leitor procura essas correspondências sonoras no poema da mesma

8 Cecília Meireles, *Mar absoluto e outros poemas*. São Paulo: Editora Global, 2015, p.43.

forma que Cecília busca sentido na interação entre os homens.

Cecília inicia o poema com uma comparação que aproxima elementos divergentes e cria polos de contato entre o real e o sonho: “Como num sonho/ aqui me vedes”. A primeira estrofe se divide em dois momentos, o da visão e o da fala. A visão representará o que a poeta entende por ser vista e a fala revelará a natureza do dito. Os dois sentidos apontam para um fracasso na possibilidade de troca e para a fratura entre aquilo que os sentidos percebem e a experiência da vida íntima. A visão fracassa por incapacidade de conter o visto e a fala por possuir um significado secreto intrínseco.

O cenário que se constrói, portanto, afasta a fala (“suspensa”) da visão (“água escorrendo”), suas polaridades opostas fazem com que o dito não encontre correspondência no visto, acabando por criar no centro da cena um lugar vazio, no qual se encontra a poeta, em seu exílio espiritual. E a produção desse lugar vazio é fundamental para a poesia de Cecília, pois é desse vazio que a poeta conseguirá questionar o mundo e a si mesma.

Esse vazio é também uma forma de distanciar-se, uma vez que ele instaura-se como uma espécie de *longe*. Na poesia ceciliana, o *longe* pode admitir muitos formatos, acreditamos que um dos mais contundentes seja o Palácio do Vento (*Hawa Mahal*) indiano, o qual é o objeto do poema “Jaipur”, de *Poemas Escritos na Índia* (1953). O vazio e a solidão sugeridos pelos ventos que dão nome ao palácio são reafirmados na estrutura arquitetônica do *Hawa Mahal*, que fora planejada para que as mulheres do harém pudessem observar a rua sem serem vistas. Para as mulheres que viveram no Palácio do Vento, tal estrutura implicava numa espécie de *presença-ausente*, já que os de fora não podiam percebê-las mas elas percebiam a todos.

Em “Irrealidade”, o *longe* que se inscreve no poema também depende dessa *presença-ausente* do Palácio do Vento, pois mesmo afastada e solitária, a poeta está rodeada por uma enorme plateia, onde não se sentam homens individuais mas “toda a vida”. A experiência do tempo, no poema, está cercada de frente por um estado de vigília que nivela passado, presente e futuro num novo tipo de presente, o qual será desenvolvido

na terceira estrofe através da imagem do anfiteatro. A poeta se encontra em vigília no centro desse palco, sua posição é de cercamento e, ao mesmo, de frontalidade. Há aqui, além de uma sobreposição de tempos, um encontro de espaços: “que toda a vida/ cerca de frente”. Tanto a ideia de “anfiteatro” quanto a do verbo “cercar” pressupõe uma espacialidade circular e se choca, portanto, com a locução “de frente”. O sentimento que organiza esse contraste é o de represamento de sentidos e direções que apontam para um tempo específico e para uma determinada função da poeta diante dele.

A distância e, conseqüentemente, o exílio vivenciados pela poeta afastam-na do resto dos homens graças a uma sensibilidade afiada do tempo, que impede a percepção sensorial de fixar-se – mesmo que a razão, a cada passo, reconheça seu movimento aniquilador para as relações mais imediatas do trato cotidiano. O abarcamento das expressões do tempo num presente contínuo acaba por fazer com que todos os tempos e homens passados e futuros se encontrem, em um acúmulo da experiência histórica humana. Essa ideia de pertencimento total poderia se contrapor ao estado de exilada, contudo a criação desse estado temporal é vivida como fratura, cada atualização do tempo em novo presente é um despedaçamento em prol dessa *vigilância* contínua.

Em seu exercício de ver o mundo afastada, Cecília apara as arestas da vida e do desencontro com uma profunda empatia pelo que é Humano. Seu estado de “compadecida” é resultado desse afeto e também uma postulação bastante precisa sobre a função do poeta e da poesia. A síntese entre o afastamento e a empatia é complexa e certamente retoma o maior enigma da poesia de Cecília Meireles: “decifrar o paradoxo dos ecos do mundo na própria ausência”⁹. Ecos que muitas vezes são na verdade essa empatia, esse compadecimento que toma proporções enormes sequer barrando-se pelo tempo linear ou ainda pela morte.

A ausência na poesia de Cecília é uma forma de idealismo que assume o exílio e o *longe* como lugares de fala para poder ressaltar o mais intrínseco da condição humana:

9 Prefácio de Davi Arrigucci Jr., in GOUVÊA, Leila. *Pensamento e lirismo puro na poesia de Cecília Meireles*, São Paulo: Edusp, 2008, p. 13. Publicado também, posteriormente, em *O guardador de segredos*, São Paulo: Companhia das Letras, p. 67.

sua solidão existencial. Somos solitários e solitários fazemos nossa viagem pela vida, aceitar a condição de estrangeiro primordial é uma maneira de celebrar o mais humano do homem. Em razão disso, na última estrofe, o primeiro verso alcança a procurada correspondência sonora (sorriso-paraíso) na constatação de uma ausência compartilhada, apesar de pouco aceita (“desconhecida”). “Irrealidade” nos sugere que o encontro entre os homens só é possível a partir da aceitação de nossa falta essencial.

Referências bibliográficas

De Cecília Meireles

MEIRELES, Cecília. *Mar absoluto e outros poemas*. Porto Alegre: Livraria do globo, 1945.

_____. *Mar absoluto e outros poemas*. São Paulo: Global, 2015.

_____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.

_____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *A lição do poema: cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*. Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

Específica

ARRIGUCCI JR., Davi. “Nota sobre Cecília”. *O guardador de segredos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles*. São Paulo: EDUSP, 2008.

LAMEGO, Valéria. *A Farpa na Lira: Cecília Meireles na revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

VILLAÇA, Alcides. “Sobre Cecília em Portugal”. In GOUVÊA, Leila. *Cecília em Portugal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

Geral

SAID, Edward. “Reflexões sobre o exílio”. In *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.